



ENCONTRO  
INTERNACIONAL  
FRONTEIRAS E  
IDENTIDADES

**A DECISÃO DE EMIGRAR: O PROCESSO IMIGRATÓRIO NO RS  
A PARTIR DA FAMÍLIA SPONCHIADO**

Juliana Maria Manfio<sup>1</sup>

**RESUMO :** No final do século XIX, inúmeros imigrantes italianos chegaram ao sul do Brasil. Dentre tantas famílias, uma se destacou como exemplo para a efetivação desta proposta: a família Sponchiado, que chegou ao Rio Grande do Sul em 1886. Contudo, entre a decisão de emigrar ou não, ficou resolvido enviar um membro familiar antes: Luigi, que se estabeleceu na Colônia Silveira Martins em 1885. Ao adquirir lotes de terras, a família Sponchiado se instalou na região e, nesse espaço gerou novos descendentes. Com a família aumentando, a produção da pequena propriedade tornou-se insuficiente para o sustento do grupo familiar. Desta forma, foi necessária a migração dos Sponchiados para o norte do Estado, sendo este um exemplo da existência de migrações internas. Ao investigar a trajetória da família Sponchiado, tornou-se possível compreender o complexo processo imigratório ocorrido na região da Colônia Silveira Martins, bem como estabelecer elementos que caracterizem essa ação.

### **Introdução**

O presente trabalho faz parte das atividades desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria-RS. O tema central da pesquisa é o estudo da trajetória de Padre Luiz Sponchiado na Quarta Colônia. Contudo, esse trabalho se centrará em um período anterior ao nascimento do sacerdote: a vinda de seus avós até os primeiros anos de sua infância. Historicamente, abrangerá o processo imigratório dos italianos no Sul do Brasil e as estratégias de sobrevivência desses imigrantes no lote colonial.

Quanto ao processo imigratório, percebeu-se que existiram fatores econômicos, políticos, sociais e culturais que motivaram esses italianos a migrar para o sul do Brasil. As condições econômicas da Itália não privilegiavam os pequenos proprietários e comerciantes. Os italianos viam na emigração para a América a possibilidade de ascensão econômica, especialmente com a possibilidade de acesso a terra. No norte da Itália, a população tinha o costume de migrar para outras regiões da Europa na procura de emprego.

A família Sponchiado acabou sendo o meio de observação, no qual se reduziu a escala de análise para entender o complexo processo imigratório do século XIX, no qual inúmeros

---

<sup>1</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade de Santa Maria- RS e bolsista CAPES. Contato: [jumanfio@hotmail.com](mailto:jumanfio@hotmail.com); Orientador: Vitor Otávio F. Biasoli. Contato: [vbiasoli@gmail.com](mailto:vbiasoli@gmail.com)



italianos estabeleceram-se no Rio Grande do Sul. O método da micro-história permite “uma reconstituição do espaço vivido impensável noutros tipos de historiografia” (Ginzburg, 1989). Dessa forma, com esse estudo é possível buscar outros elementos que caracterizam esse processo de imigração vivido entre Itália e Brasil.

Para essa análise, será utilizada como fontes a obra “Imigração & 4ª Colônia: Nova Palma & Pe. Luizinho<sup>2</sup>”, de Breno Sponchiado, bem como manuscritos do sacerdote – que são encontrados no Centro de Pesquisas Genealógicas<sup>3</sup>. O aporte teórico da pesquisa está ancorado na historiografia<sup>4</sup> de imigração italiana no Rio Grande do Sul.

Dessa forma, para uma melhor compreensão, o texto foi dividido em três capítulos: 1) *A decisão de emigrar* – que irá tratar do processo emigratório dos italianos para o sul do Brasil, no qual está inserida a família Sponchiado; 2) *O estabelecimento no sul do Brasil* – que abordará o estabelecimento da família Sponchiado na Colônia Silveira Martins até o nascimento da figura central da pesquisa, o padre Luiz Sponchiado; 3) *Uma nova decisão: migrar a procurar de novas terras* – que apontará a necessidades de famílias de imigrantes e descendentes de italianos que optaram migrar para outras regiões do RS.

## 1. A decisão de emigrar

A família Sponchiado vivia em Carbonera<sup>5</sup>, na Província de Treviso, na recém-unificada Itália (1870). Provavelmente enfrentava as dificuldades, como os altos impostos, que grande parte dos italianos do norte vivia: a nova conjuntura econômica que passava a vigorar no território italiano recém-unificado, a qual prejudicava ainda mais os pequenos

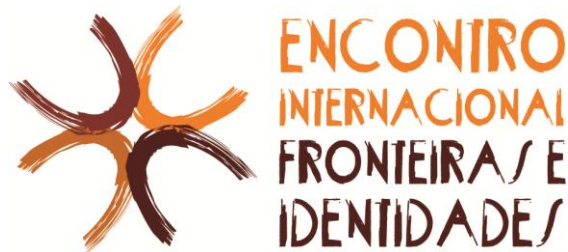
---

<sup>2</sup> A utilização da obra como fonte justifica-se pela existência de inúmeras informações, documentos e fotografias que compõem o livro.

<sup>3</sup> Acervo criado pelo Padre Luiz Sponchiado, que foi inaugurado em 1984 em razão ao Centenário da Imigração italiana na Quarta Colônia. Abrange a história de famílias de imigrantes e seus descendentes na região.

<sup>4</sup> Percebemos a existência de duas vertentes historiográfica que abordam a imigração italiana no RS. Uma é a épica, que trabalha o processo imigratório como uma saga, no qual os imigrantes sofreram, contudo lutam e venceram, obtivendo êxito com a imigração. A outra é a recente, que trabalha com as particularidades da imigração através de fontes documentais.

<sup>5</sup> Nem todas as famílias que viviam nesse local possuíam terras ou eram arrendatários. Isso reforça a ideia de que nem todos os italianos chegados ao Brasil eram camponeses. Muitos exerciam outras atividades profissionais.



proprietários e negociantes do norte italiano, que buscavam na emigração temporária<sup>6</sup> ou definitiva, melhores condições de vida (Favaro, 2006).

Domenico era o patriarca do núcleo familiar Sponchiado e dono de um açougue. Teve sete filhos com Mariana Barbon, que auxiliavam no abate e entrega da carne suína que tinha como comprador o posto policial de Treviso (Sponchiado, 1996). É provável que a nova conjuntura econômica tenha afetado esse negócio familiar, devido os altos impostos pagos a aduana de Treviso. Pensando nisso, não seria estranho que os filhos mais velhos de Domenico aplicassem pequenos golpes ao entrar na aduana de Treviso, quando colocaram as carnes por debaixo das roupas de uma irmã que era robusta. Além disso, teriam ainda uma segunda forma de ganhar dinheiro: empregavam-se na retirada de materiais como areia e pedras para a construção de estradas. Além disso, cuidavam de velórios noturnos. Era, então, as atividades informais a fonte de dinheiro extra para a família.

Percebeu-se que a família Sponchiado não tinha propriedade de terras. A família vivia economicamente através do açougue que possuía e dos trabalhos informais que eram praticados por alguns membros do clã. Segundo Herédia (2010, p.219),

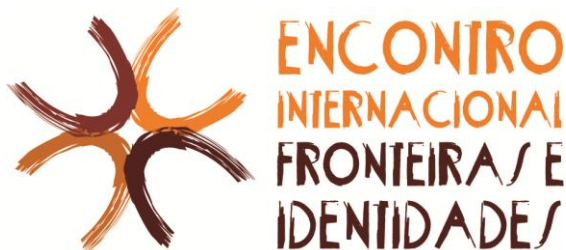
[...] construiu-se uma hipótese de trabalho que pressupõe que nem todos os italianos eram camponeses; que um número considerável trazia experiências anteriores, baseada no trabalho artesanal, oriundas de tradições mantidas por gerações, que se tornaram ofícios nas áreas de imigração.

Com as dificuldades<sup>7</sup> que se abatiam pelo norte italiano e com os rumores da imigração e da possibilidade de tornarem-se proprietários de terra, a família Sponchiado tenha decidido emigrar. Contudo, foi em uma carta enviada pelos Dottos – italianos que haviam imigrado para o Sul do Brasil – que a possibilidade de emigrar tornou-se concreta. Os compatriotas que já haviam imigrado no Brasil avisavam que havia trabalho bem remunerado próximo ao núcleo de colonização. Dessa forma, a troca de correspondências entre os que haviam partido da Itália e os que permaneciam no país tornou-se outro meio que possibilitou a

---

<sup>6</sup> O ato de emigrar era um comportamento usual entre as populações do norte italiano. Tinha-se o hábito de emigrar em busca de trabalho para melhorar as precárias condições de vida.

<sup>7</sup> A nova conjuntura que se instalava na Itália recém-unificada (1870) transformava o cenário do campo e cidade. No meio urbano, houve um crescimento na área industrial. E para abastecer com matéria prima as fábricas, no meio rural investiu-se nos latifúndios reduzindo o espaço do pequeno proprietário que devido a crises e dívidas, encontrou na venda da propriedade e da imigração para o Brasil, um meio de melhorar as condições de vida.



emigração. As cartas traziam informações sobre as oportunidades no Brasil. Segundo Vendrame (2013, p. 439):

Tanto na península itálica quanto no sul do Brasil, percebeu-se a utilização das cartas por partes dos camponeses como recurso valioso de circulação de notícias. Desse modo, é possível perceber o quanto as ligações entre os imigrantes e aqueles que haviam permanecido nos lugares de origem influíram na adesão da emigração definitiva. Os vínculos sociais forjados na terra natal possibilitaram a constituição de redes de apoio e transferências que tinham uma forte base comunitária.

Com receio do que poderiam encontrar no Brasil, a família Sponchiado resolveu enviar apenas um membro da família – Luigi Sponchiado, solteiro, de 27 anos. O rapaz, ao imigrar, poderia obter informações sobre a instalação dos conterrâneos, contando sobre as vantagens e desvantagens do estabelecimento em solo brasileiro. Nesse sentido, Vendrame (2013, p.439) afirma que a decisão de emigrar “não se assentavam apenas sob iniciativas individuais, pelo contrário, eram traçadas a partir de projetos coletivos que incluíam a família extensa e a parentela”.

No Rio de Janeiro, Luigi aportou em 8 de agosto de 1885. Foi identificado no item “profissão” como “trabalhador”. O rapaz veio juntamente com um grupo de italianos, tendo como conhecido Nicola Rosso, sua esposa e filho. O grupo partiu ainda no mesmo mês para Porto Alegre. Da capital até Sede da ex-Colônia<sup>8</sup> Silveira Martins utilizaram transporte fluvial e ferroviário.

Ao chegar à região colonial, Luigi empregou-se na estrada de ferro, no trecho entre Arroio do Só e a Estação Colônia<sup>9</sup>. Nos dias em que tinha folga, o rapaz era acolhido pelas famílias Dotto e Pozzobon, no núcleo Vale Vêneto. É provável que nas rodas de conversas com essas famílias tenha ficado sabendo que Nicola Rosso havia ganhado um lote de terra. Segundo Herédia (2010, p.218), as dificuldades enfrentadas pela população na Itália havia “a possibilidade de transformarem-se em pequenos proprietários e serem os formadores dos núcleos coloniais era uma condição inexistente no país de origem”.

---

<sup>8</sup> A colônia Silveira Martins foi criada em 1877, quando chegaram os primeiros imigrantes. Em 1882, a colônia foi emancipada e seu território foi dividido para três municípios: Santa Maria, Cachoeira do Sul e Júlio de Castilhos.

<sup>9</sup> Atualmente é Camobi, bairro da cidade de Santa Maria.



Com a possibilidade de receber terras e tornar-se proprietário, Luigi enviou uma carta aos familiares dizendo que eles poderiam embarcar para o sul do Brasil, pois receberiam um lote de terra e estariam isentos do serviço militar. Acrescenta Vendrame (2013, p.27-28) que as trocas de cartas demonstram que eles eram letrados, o que poderia ser um diferencial no 'novo mundo'. Estas cartas sendo constantes, ilustram que havia :

Uma conexão entre os dois mundos se manteve através da circulação de correspondências que possibilitou entender um dos aspectos que viabilizou a transferência de grupos familiares para o Novo Mundo. As cartas permitiram mudanças menos incertas para a América.

Assim como outras famílias e indivíduos que experimentaram o processo, a família Sponchiado ao receber a carta de Luigi, a família Sponchiado resolveu emigrar para o sul do Brasil. Com isso, providenciou os passaportes e as passagens marítimas com a venda de alguns utensílios. O açougue, negócio que pertencia à família, ficou como herança a um dos filhos que não migrou com a família. Embarcaram no vapor no último dia de 1885. No vapor, faziam-se presentes: Domenico e a esposa Mariana e os filhos Ângelo (solteiro), Vincenzo (casado com Elizabetha) e Giuseppe (casado com Mariana Rosso) e as sete filhas (Sponchiado, 1996).

Constatou-se que os italianos articulavam estratégias através de uma rede de informações estabelecida através de cartas e que foi dessa maneira que a família Sponchiado decidiu emigrar para o sul do Brasil. Com a correspondência trocada entre os que haviam partido e aqueles que ainda permaneciam na Itália era possível obter os dados sobre o estabelecimento de imigrantes em outro país. As cartas possibilitavam a circulação de informações, alargando as probabilidades de recursos na nova terra. Além disso, percebeu-se que, apesar de Luigi Sponchiado ter partido sozinho, o projeto de emigração era coletivo e incluía a maioria dos membros da família. Verificou-se ainda que a família Sponchiado não tinha propriedade de terra na Itália. A família vivia da renda do açougue que possuía e ainda de trabalhos informais que alguns familiares arrumavam para arranjar dinheiro extra. Assim, a família viu na emigração para o sul do Brasil a possibilidade de ascensão econômica através da propriedade de terra.



## 2. O estabelecimento no sul do Brasil

A família Sponchiado desembarcou no Rio de Janeiro no final do mês de janeiro de 1886. Por não apresentarem doenças contagiosas e epidêmicas, ficaram apenas quatro dias na Hospedaria do Imigrante. Normalmente os imigrantes que chegavam ao Brasil permaneciam 40 dias nessa hospedaria, em virtude de possíveis doenças adquiridas durante a travessia de navio.

Do Rio de Janeiro seguiram para Porto Alegre de navio, no sul do país. De Porto Alegre prosseguiram a viagem de trem até a Estação Colônia, na região central do Estado. Ao chegarem à estação, teriam encontrado Luigi trabalhando na sinalização da Estrada de Ferro. Segundo Sponchiado (1996), o trabalho assalariado em abertura de estradas e na construção de ferrovias era previsto no regulamento imigratório, garantindo o emprego por seis meses, sendo que 15 dias de cada mês de trabalho braçal. O restante do tempo deveria ser destinado para a preparação do lote para a produção agrícola.

A família Sponchiado, enquanto aguardava o recebimento de lotes de terra, foi acolhida no núcleo de Vale Vêneto por conhecidos da Itália, os Dottos. No mesmo ano de 1886, à família Sponchiado foram designados lotes de terra na linha Geringonça que, mais tarde, seria denominada de Novo Treviso.

Vicenzo Sponchiado e sua esposa Elisabetha foram os primeiros membros da família a receber um lote de terra. Elisabetha, que havia casado recentemente com Vicenzo, não compartilhavam com a ideia da emigração para o sul do Brasil. Segundo Sponchiado (1996), os pais da moça, que tinham posses, também não ficaram satisfeitos com a partida da filha para outro país. Assim, percebe-se que nem eram todos os italianos que chegavam no Brasil tinham o desejo de emigrar.

No ano seguinte de residência na colônia, Vicenzo sofreu uma queda do cavalo ficando enfermo até seu falecimento em dezembro de 1887, em decorrência aos ferimentos da queda.. Vicenzo deixava o lote de terras com sua jovem esposa, viúva e grávida. Ao saber da notícia, os pais de Elisabetha resolveram enviar dinheiro para que a filha retornasse à Itália. Contudo, a sogra de Elisabetha a aconselhou a não fazer a viagem sozinha à Itália, pois estava grávida. Sugeriu então que a viúva se casasse com outro filho. O eleito foi Luigi Sponchiado – o primeiro membro da família a emigrar. O casal uniu-se em matrimônio no ano seguinte





(1888). O filho de Vincenzo com Elisabetha nasceu, porém sobreviveu apenas alguns meses. Da união de Elisabetha e Luigi nasceram 10 filhos (Sponchiado, 1996).

Entende-se que Elisabetha, ao casar com Vincenzo, passou a pertencer à família do esposo. Com a morte do marido e ainda por carregar o primeiro filho do casal, Elisabetha foi orientada a casar com outro membro da família Sponchiado. Assim, Elisabetha e o filho que já pertenciam à família não ficariam desamparados e continuariam vinculados ao núcleo familiar. Dessa forma, percebeu-se outra estratégia do grupo de imigrantes: a união em matrimônio de dois cunhados, quando um deles perde o esposo ou esposa, para que a viúva e o filho que estava para nascer continuassem no convívio da família. Uma estratégia para a manutenção de um núcleo familiar extenso, capaz de dar conta dos tantos serviços necessários para a manutenção da pequena propriedade rural.

### **3. Uma nova decisão: migrar à procura de novas terras**

Com o passar dos anos, o lote de terra<sup>10</sup> de 24 hectares adquiridos tornou-se insuficiente para a manutenção do grupo familiar. Havia rumores que alguns vizinhos que estavam partindo para a região norte do RS em busca de terras. Além disso, houve aborrecimentos na comunidade em relação ao casal Silvio e Corina. Desta forma, é provável que esse conjunto de elementos tenha levado os Sponchiado tiveram que tomar nova decisão de partir.

Silvio era um dos 10 filhos de Luigi e Elisabetha Sponchiado. Casou-se com Corona de Marco em 20 de junho de 1921. Moravam todos no pequeno núcleo de Novo Treviso e viviam da produção agrícola das propriedades de terra. Ironicamente, depois de oito meses de casamento, em 22 de fevereiro de 1922, Corona deu a luz ao primeiro filho do casal, que se chamaria Luiz Sponchiado, nascido de sete meses.

O recente matrimônio, seguido da gravidez, causaram rumores na pequena comunidade de que Corona havia casado grávida. Tais comentários teriam gerado muita

---

<sup>10</sup> Nesse período a maior parte dos imigrantes plantava milho, feijão, batatas, mandioca, entre outros produtos.



tristeza ao casal<sup>11</sup>. A possibilidade de Corona ter casado grávida feria um código de conduta e honra entre os camponeses do local, que ainda seguiam a moral católica<sup>12</sup>. Contudo, segundo Vendrame (2013), a união matrimonial era a forma de salvar a reputação da mulher, bem como a honra da família. O casamento diminuía as fofocas em torno da moça, bem como da família.

Logo após o nascimento de Luiz Sponchiado, em agosto de 1922, Silvio teria partido para a região norte do RS, em busca de terras para o estabelecimento e sustento da família. Segundo Sponchiado (1996), o lar aumentava rapidamente, com o nascimento de outros filhos de Corona e Silvio, contudo moravam na mesma casa onde viviam os pais de Silvio e mais três irmãos.

No entanto, é possível que um conjunto de fatores tenha feito com que Silvio resolvesse migrar com a família. O nascimento do filho prematuro motivou comentários que geraram mal estar na família e a possibilidade de residir em outro lugar deixaria a família longe dos rumores. O aumento da família alargava a demanda de produção agrícola e a migração em busca de terras férteis tornava-se uma necessidade. Segundo Vendrame (2013, p.216), a “mudança pode ser um indício de insatisfação pessoal, rejeição local ou ainda a possibilidade de concretizar um antigo projeto, como se fixar em um centro maior”.

Dessa forma, em 1925, Silvio migrou para a região de Taquaruçu com toda a família, onde comprou dois lotes de terra: um para ele e outro para seu pai Luigi. Porém, antes haviam vendido os lotes de terras que possuíam em Novo Treviso. O transporte da mudança foi realizado por carroceiros até a Estação Colônia. Depois, parte do trajeto seguiu de trem até a estação Belizário. Dessa estação seguiram em caminhões até os lotes que havia adquiridos. Migrava para as novas terras, toda a família Sponchiado<sup>13</sup>. De acordo com Vendrame (2013, p.152), “as trajetórias dos imigrantes mostram que, após a chegada nos núcleos coloniais, movimentações internas ocorriam frequentemente.”

Constata-se, dessa forma que, os imigrantes italianos que chegaram aos núcleos coloniais circularam e migraram para outras regiões do RS em busca de novas terras. Os fatores que provocaram essa decisão não estão apenas ligados ao crescimento da produção

---

<sup>11</sup> Informação retirada de um manuscrito de Padre Luiz Sponchiado, encontrado no Centro de Pesquisas Genealógicas.

<sup>12</sup> Muitos dos italianos que se estabeleceram no sul do Brasil eram católicos e seguiam das regras religiosas.

<sup>13</sup> Informações encontradas em manuscritos de Padre Luiz Sponchiado.





agrícola e da família. É provável que esses imigrantes estivessem insatisfeitos com o local onde residiam, e optaram por migrar como uma estratégia de distanciar-se dos desgostos provocados na comunidade local.

### **Considerações finais**

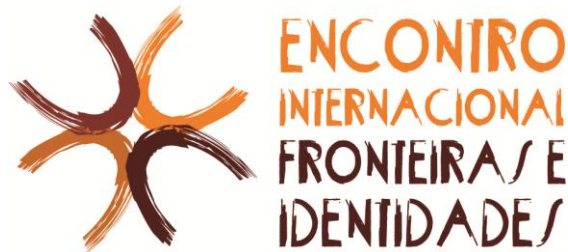
Ao estudar a trajetória da família Sponchiado foi possível compreender algumas peculiaridades do complexo processo migratório que ocorreu no Brasil no final do século XIX. Cada imigrante e/ou cada família que imigrou caracterizou o processo de forma diferenciada, pois cada um estabeleceu suas estratégias e escolhas com o intuito de buscar a ascensão econômica fora do país de origem.

Nesse sentido, a primeira estratégia foi o envio de um membro da família para o sul do Brasil, para que informasse por meio de correspondência, a situação do país em relação ao processo de entrada de imigrantes e ao processo de colonização. A troca de cartas tornou-se um importante elo que ligava o mundo italiano com o brasileiro.

O projeto migratório, em muitos casos, foi um projeto coletivo, de todo o grupo familiar. Ao instalar-se em lotes de terras no sul do Brasil, a família Sponchiado estabeleceu estratégias para a permanência de uma das mulheres da família. Elisabetha, que havia casado com Vincenzo, foi orientada pela sogra a continuar no Brasil junto a família do primeiro esposo que havia falecido e casar-se com o cunhado Luigi. Dessa forma, o filho que Elisabetha esperava no ventre permaneceu perto e dentro da família Sponchiado.

Mesmo instalados em lotes coloniais, muitos imigrantes e descendentes acabavam se mudando para outras regiões. As migrações internas apontavam que os imigrantes tinham necessidades econômicas para mudar de local – a busca de novas terras para o crescimento da produção agrícola. Contudo, percebemos que existiam outros motivadores para essa migração – comentários maldosos que colocavam em jogo a honra e a moral de uma família.

Por fim, os processos migratórios corridos da Itália ao Brasil, bem como as migrações internas ocorridas no interior do RS, mostraram que existiam fatores de cunho econômico, político, social e cultural que possibilitavam a circulação desses imigrantes. A decisão de emigrar não parecia ser uma situação fácil, porém as migrações temporária ou



permanente compunham o universo cultural desses italianos e a população do norte italiano já tinham experiência em partir e arriscar a vida em novos lugares.

## REFERÊNCIAS

FAVARO, Cleci Eulália. Os Italianos: entre a realidade e o discurso. In: BOEIRA, Nelson & GOLIN, Tau (Organizadores). **Império**. Passo fundo: Méritos, 2006.V2, p. 301- 320.

GINZBURG, Carlo. O nome e o como: troca desigual no mercado historiográfico. In: \_\_\_\_\_ . **A Micro-história e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

HERÉDIA, Vânia. Os imigrantes italianos na formação econômica regional do Rio Grande do Sul. In: TEDESCO, João Carlos; ZANINI, Maria Catarina C. (org.). **Migrantes do Sul do Brasil**. Santa Maria: Ed.UFSM, 2010, p.211-229.

SPONCHIADO, Breno Antônio. **Imigração e 4º Colônia: Nova Palma e Pe.Luizinho**. Santa Maria: EdUFSM,1996.

SPONCHIADO, Pe. Luiz. A anágrafe de Nova Palma e os núcleos da ex-colônia Silveira Martins. In: DE BONI, Luiz A.(org.). **A Presença Italiana no Brasil Volume III**. Porto Alegre/Torino: EST/Fondazione Agnelli, 1996, p.148-167.

VENDRAME, Maíra Ines. **Ares de vingança: redes sociais, honra familiar e práticas de justiça entre imigrantes italianos no sul do Brasil (1878-1910)**. (Tese de Doutorado). PUC-RS, 2013.